

2013 -Do Crescente Verde à esperança Papal

Do Crescente Verde à esperança Papal
por: Eugénio Costa Almeida©

Nos últimos anos, a cena internacional tem estado a ser varrida, literalmente, por revoltas, manifestações mais ou menos espontâneas e mais ou menos virulentas, trocas de regimes e, de certa forma, de sistemas político-económicos. Foram as revoltas árabes e islamitas no cinturão asiático e norte africano, primeiro com a deposição de gerências autocratas (da Tunísia ao Egipto) e, mais tarde, com a depreciação da esperança nas mexidas políticas registadas e que se estendem à Síria e à Turquia, reforçada, recentemente, no Egipto, com manifesta repercussão nos Estados vizinhos. É um recrudescer da importância política e económica do Crescente Verde! Política, económica e religiosa, não esquecendo, neste caso o problema que opõe islamitas radicais a islamitas moderados e a cristãos coptas. Se as manifestações e revoltas árabes e turcas são importantes e causam efeitos secundários, não menos importantes, nas relações políticas e económicas com alguns dos seus parceiros, em particular, nos mercados euro-asiáticos, também não menos importante foram as manifestações que se registaram em Brasil, primeiro por ocasião da Taça das Confederações e, agora, com a visita Papal. E que poderá se prolongar ao próximo Mundial de Futebol e aos Jogos Olímpicos; Manifestações que ultrapassam as meras reivindicações meramente económicas, principalmente, ou políticas. São primordialmente reivindicações sociais por melhores condições económicas e transparência política. Para os brasileiros mais que gastar-se dinheiro que faz falta à educação, à saúde, ao saneamento básico — e não é só os brasileiros que se podem queixar destes fenómenos irregulares, basta olharmos um pouco mais perto — há que saber como gastar e onde gastar. E é com isso que muitos brasileiros, mesmo aqueles que já “saíram”; do catolicismo esperam ver espelhado no jesuíta argentino — estranho e preocupante paradoxo para os brasileiros — que se tornou Papa e adoptou o nome de Francisco (francês — ou homem — livre), uma crítica feroz ao subjugo desumano ao capital desenfreado e desregulado (alguns países europeus que o digam devido ao excesso de austeridade) e à pouca transparência política de alguns dirigentes brasileiros. Mas esta é uma situação que pode e deve ser, também, expandida para outros dirigentes políticos que se mantêm incólumes e inalteráveis nas suas políticas administrativas, sociais e económicas em muitos pontos do Mundo. Não esqueçamos que o Papa não é só o líder de muitos milhões de fiéis católicos como é, também, líder de um Estado — mesmo que quase um nano-Estado — muito rico e não menos poderoso, logo, muito respeitado; ©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, secção “1º Caderno”; ed. 288, de 26-Julho-2013, pág. 21.